

## KIT IMPRENSA

### VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS: SOLUÇÃO À VISTA

## Pesquisa de Brasília fornece diagnóstico e pistas para enfrentar problema nacional

Um raio-x da convivência nas escolas do Distrito Federal pode ser o primeiro passo para a solução de um problema de todo o Brasil. A Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (RITLA), em parceria com a Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF-GDF), lança, nesta quarta-feira 6, em Brasília, a pesquisa *Revelando Tramas, Descobrimos Segredos: violência e convivência nas escolas*. Trata-se de uma investigação aprofundada das relações sociais e do clima escolar no DF: conflitos latentes e expressos, percepções de alunos, professores e equipe de direção sobre as escolas, um verdadeiro diagnóstico sobre a convivência escolar.

A equipe de pesquisa, coordenada por Miriam Abramovay, não tem dúvidas de que o retrato exposto no estudo sintetiza a situação vivida na maioria das escolas públicas de todo o país. “O DF, por abrigar a capital do país, é um caldeirão de diversidades. Espelha, portanto, as diversas faces da cultura brasileira. O que se verifica em Brasília certamente está presente também em outras cidades do Brasil. Daí a importância dessa pesquisa, inédita na América Latina”, alerta Jorge Werthein, doutor em Educação e diretor da RITLA.

O estudo é um dos resultados da parceria entre a Secretaria de Educação do DF e a RITLA, que executam atualmente um *Plano de Convivência Escolar na Rede Pública de Ensino*. Esse plano tem como objetivo incentivar a boa convivência nas escolas e reduzir as diversas formas de violência presentes nos estabelecimentos educacionais. A pesquisa conjugou metodologias quantitativas e qualitativas para a coleta de dados. Para a parte quantitativa, foram selecionadas aleatoriamente 84 escolas públicas de Ensino Regular com mais de 500 alunos por Diretoria Regional de Ensino (DRE). Para a parte qualitativa, foram escolhidas seis escolas, sendo quatro de Ensino Fundamental (5ª a 8ª série) e duas de Ensino Médio.

De junho a setembro de 2008, foram aplicados cerca de 10 mil questionários para alunos e 1300 para professores e diretores (amostra estatisticamente representativa da população). De junho a dezembro de 2008, foram realizados grupos focais e entrevistas com alunos, professores, equipes de direção, além de policiais e seguranças privados das escolas. Foram feitas, também, observações de campo por todos os pesquisadores envolvidos na pesquisa. O estudo, aliás, adotou uma noção abrangente de *violência*, procurando identificar não apenas manifestações da chamada violência “dura”, mas também de manifestações de violência simbólica e microviolências.

O livro ordena os aspectos gerais do tema nos seguintes capítulos: 1. perfil sociodemográfico de alunos e professores; 2. percepções e relações sociais nas escolas; 3. preconceito e discriminação; 4. violências duras nas escolas; 5. gênero, sexualidade e violência; 6. internet e ciberviolência; 7. promessas de futuro; 8. recomendações.

## Principais aspectos da pesquisa:

- Percebe-se que tanto alunos quanto professores possuem pouco acesso a atividades culturais e de lazer – como teatros, museus, cinemas e shows musicais – bem como a atividades esportivas.
- Em relação à percepção sobre a escola, muitos alunos consideram a escola boa, entendendo-a como um espaço de aprendizagem que possui bons professores e onde vínculos de amizade podem ser estabelecidos. No entanto, muitos criticam a escola, seja pela falta de condições materiais, seja pelos conflitos encontrados, tanto entre alunos quanto entre professores.
- Os alunos declaram que a opção de frequentar a escola decorre de sua própria vontade, e não de obrigações por parte da família.
- Quanto às relações interpessoais nas escolas, são relatados – tanto por professores como por alunos – agressões verbais, como xingamentos, ofensas e humilhações, além de agressões físicas. Quase metade (45,3%) dos estudantes declara ter sofrido xingamentos e praticamente um terço (31,3%) relata ter empreendido xingamentos contra professores e alunos nas escolas.
- Notam-se, por parte da escola, atitudes recorrentes que alinham os novos arranjos familiares (ou modelos divergentes do tradicional) ao estigma de famílias desestruturadas, rotulando negativamente, por sua vez, os familiares e os próprios alunos. Esse tipo de postura pode servir de barreira para a aproximação entre as instâncias de escola e família.
- Mais da metade dos alunos (53,4%) e dos professores (52,8%) afirma já ter visto discriminação nas escolas.
- Sobre a discriminação existente por ser ou parecer homossexual, esta é relatada como o tipo mais presenciado pelos alunos e alunas no cotidiano da escola. Mais da metade (63,1%) alega já ter visto pessoas tidas como homossexuais sofrerem preconceito. Os professores confirmam a presença de discriminação contra homossexuais. Mais da metade dos professores disse já ter presenciado cenas discriminatórias contra homossexuais nas escolas.
- Não só os estudantes (55,7%), como também os professores e a equipe da direção (41,2%), relatam já haver presenciado situações de discriminação por motivo de raça/cor. As falas dos professores vão além da simples constatação da existência do preconceito e apontam, também, para situações de constrangimento e exclusão de pessoas negras do convívio social, com prejuízo para a vida escolar.
- Outras formas de discriminação também aparecem nas escolas, como a discriminação pela pobreza, pelas roupas usadas, pela religião seguida, por características físicas e por deficiências. Observa-se, na discriminação, que uma ampla gama de signos de distinção é acionada a processos de estigmatização/marginalização de indivíduos ou grupos, criando-se um sistema classificatório a partir do qual determinados aspectos podem ser valorizados ou desvalorizados.
- Os alunos relatam que já sofreram diversos tipos de discriminação: 13,9% afirmam ter sofrido discriminação pelas roupas usadas; 12,6% pela raça/cor; 11,3% pela vinculação religiosa; 10,5% pela região de origem; 6,1% pela pobreza e 3,9% por ser ou parecer homossexual.
- Os índices de resposta de alunos e professores relacionados a violências duras são bastante expressivos: 69,7 % dos alunos e 71,1% dos professores afirmam já ter visto agressão física na escola, porcentagens que giram em torno, respectivamente, de 69,2% e 74,2% para furtos; 63,7% e 65,0% para ameaças; e 23,3% e 33,3% para comércio ou tráfico de drogas; 31,4% e 37,2% para porte de armas brancas; e 20,5% e 22,4% para porte de armas de fogo.
- A ocorrência de outras violências “duras” é também constatada no ambiente escolar: 27,8% dos alunos declaram ter sofrido roubo ou furto entre 2006 e 2008, ao passo que 24,1% afirmam ter sofrido ameaças e 15,5%, ter sofrido agressão física.
- Os arredores das escolas são considerados violentos, em especial pela alta taxa de ocorrência de assaltos e roubos que vitimizam os membros da comunidade escolar.
- Outra questão comentada é o fato de as escolas poderem ser atingidas pelo tráfico de drogas. De um modo geral, a expansão do tráfico relaciona-se diretamente com o crescimento da violência, atingindo as escolas e proporcionando uma sensação de insegurança que prejudica de forma acentuada o clima escolar. Parte dos estudantes (23,3%) relata já ter tomado conhecimento de situações de tráfico de drogas na escola e mais de um terço dos professores

(33,3%) alega saber desses casos. Ressalta-se a dificuldade dos atores em conversar sobre o assunto, de modo que o medo inspira a chamada lei do silêncio.

- Embora uma valorização exacerbada da valentia e do perigo corresponda a uma qualidade socialmente relacionada ao masculino, tem havido transformações nos comportamentos de meninas, especialmente no que tange à resolução de conflitos por meio da violência.
- Com relação às violências sexuais no ambiente escolar, o estudo adotou uma perspectiva que compreende não apenas o ato sexual forçado. Cerca de 21,5% dos alunos e 22,9% dos professores declaram terem tomado conhecimento de abusos nas escolas como tocar (de modo sexual) à força, ao passo que 17,5% dos alunos e 8,3% dos professores sabem de ações como tirar a roupa à força. Por fim, 8,3% dos alunos e 3,3% dos professores alegam saber de casos de relações sexuais forçadas.
- Mais de um terço dos alunos (36,5%) afirmam já terem sofrido ciberviolência e 17,3%, já ter praticado esse tipo de violência. Dentre os diversos tipos de violência praticada pela internet, os xingamentos foram os mais comuns (18,3% dos alunos afirmam ter sofrido e 8,4% afirmam ter praticado), seguidos por invasão de e-mail (13,6% dos alunos já sofreram e 4,4% já praticaram) e fazer-se passar por outra pessoa (12,7 % sofreram e 8,2% praticaram). Com relação aos professores, 5,3% já foi xingado por algum aluno na internet e 4,7% já tiveram fotografias suas divulgadas por alunos sem autorização. Alguns relatos chamam a atenção pela gravidade da ameaça do conteúdo. É o caso de comentários relativos a ameaças de morte que, embora algumas vezes possa ser fruto de uma “brincadeira de mau gosto”, acabam provocando um medo real naqueles que são ameaçados.
- Um grande número de alunos demonstra ainda pouco conhecimento sobre as dimensões e consequências dos riscos relacionados ao uso da internet. São ainda poucos os profissionais de educação que apresentam conhecimento adequado sobre como orientar os alunos a fazerem um uso mais seguro da internet.
- Pode-se dizer que o capítulo sobre internet representa uma inovação na temática de violência nas escolas no Brasil. Constata-se, por exemplo, que mais da metade dos alunos da rede pública do DF acessam a internet com frequência, o que sugere que cada vez mais essa seja uma realidade dos jovens. Mesmo quando não possuem acesso em casa, costumam buscar outras alternativas, tais como as *lan houses* e os centros de acesso gratuito. As *lan houses* representam um ambiente de democratização do uso da internet, sendo frequentadas por grande parte dos alunos.
- Constata-se que, ainda que as crianças, adolescentes e jovens vivenciem numerosos problemas de convivência e situações de violência, os alunos têm uma percepção positiva sobre a escola em si, desejam e estão dispostos a modificar o ambiente escolar. Ademais, sonham com a continuidade dos estudos para garantir boas condições de vida no futuro. Mais de dois terços dos alunos (72,2%) acredita que continuarão estudando.

\*\*\*

Os dados apontados pelo diagnóstico são parte de um quadro mais geral da situação da educação: a pesquisa possibilita um conhecimento aprofundado, a partir do estudo de caso do DF, sobre um tema que tem sido apontado como correspondendo a uma problemática nacional e mesmo mundial.

Para mais informações, contatar a RITLA – tel: 3248-5607/3248-5607 (falar com Luciano)

**LANÇAMENTO DA PESQUISA E RESPECTIVO LIVRO** *Revelando Tramas, Descobrendo Segredos: violência e convivência nas escolas.*

**DATA:** 6 de maio de 2009 (quarta-feira).

**LOCAL:** Museu Nacional (Complexo Nacional da República – Eixo Monumental).

**HORA:** 10h.

**AUTORIDADES PRESENTES:** Sr. José Roberto Arruda, Governador do DF, Sr. José Luiz da Silva Valente, Secretário de Educação do DF e Dr. Jorge Werthein, diretor executivo da RITLA.